

Magistério do papa Francisco: *Evangelii Gaudium*

Lição 9

Com o Espírito e com o Povo de Deus

O medo, e mais radicalmente a angústia, esse medo envolvente e indefinido, são forças que paralisam e também motores que fazem agir inadequadamente. Mas podem ser superados pela confiança e pelo entusiasmo. O papa Francisco, ao começar o quinto e último capítulo da *Evangelii Gaudium*, lembra que os discípulos ficaram com medo depois que Jesus os deixou, e se fecharam na casa em que rezavam. Mas na manhã de Pentecostes, tomados pelo fogo e pelo vento, pelo entusiasmo do Espírito, romperam o silêncio, abriram as portas, foram à praça, “saíram”. Não tiveram receio dos mal-entendidos e das punições. Ao contrário, as perseguições e os obstáculos provocavam mais ousadia e inclusive alegria.

Para evangelizar, de fato, é necessário espiritualidade, esta força que enche a alma, ter “entusiasmo” (literalmente, significa “estar cheio de Deus”). Mas ninguém pode, por si mesmo, se dar entusiasmo. Nem comandar que alguém tenha entusiasmo. Ele só pode brotar de uma substância interior ou, antes ainda, de uma relação substancial, que transmite energia. Em última análise, só há espiritualidade como potencia de evangelização se formos visitados e habitados pelo Espírito Santo, que vem do Pai Criador e de Jesus. Sem isso, a espiritualidade seria perfumaria de pouca duração. A fonte da espiritualidade é o Espírito. E não está ao alcance de nossa manipulação. Por isso a evangelização começa na oração que pede o Espírito para evangelizar. Pede com a certeza da confiança porque o Espírito é uma promessa de Jesus, e ele não falta à promessa. É na oração, na confiança da promessa, na meditação da Palavra de Deus, nas celebrações sacramentais, que se bebe nas fontes da espiritualidade para evangelizar com eficácia. Ou seja, em síntese: é necessário “evangelizar com Espírito”, como está no título deste capítulo.

O papa lembra alguns pilares da espiritualidade cristã: em primeiro lugar a memória e o amor de Jesus, a narrativa evangélica de seu exemplo e o firme propósito de seguimento dos passos de Jesus “na saúde e na doença, na alegria e na tristeza”. Só o testemunho de um amor verdadeiro é acreditável e evangelizador. Em segundo lugar, a experiência do Espírito Santo, no discernimento da sua presença e dos seus dons e frutos, que agraciam com autoestima positiva. Ele cura feridas, nutre com bons sentimentos, desperta para a generosidade, lança para o campo aberto da missão. Em terceiro lugar, o papa lembra a comunidade, o povo de Deus, como lugar de espiritualidade. Ele diz de forma muito feliz: deixar-se tomar pelo “prazer espiritual de ser povo”! Nossa memória de Jesus e nossa relação amorosa com ele, assim como nossa experiência do Espírito Santo não se dão separadas como indivíduos isolados, mas acontecem na comunhão com outros, nesta condição de “ser povo”. É verdade

que Jesus chamou cada um por seu nome, mas chamou já em comunidade. O Espírito desceu como língua de fogo sobre cada um, mas estando todos juntos em comunidade. Quando vamos em procissão no meio do povo, é então que caminhamos com Jesus e com Espírito. Este é o “prazer espiritual de ser povo”. A imagem da procissão, diferente de uma parada militar ou de um desfile de carnaval ou de uma manifestação política, mostra mais claramente o lado “espiritual” de ser povo peregrino que sai e anda pelo mundo com um olhar no horizonte da esperança – antecipando um raio do Reino de Deus que se levanta.

O papa lembra que às vezes cansamos e precisamos pedir ajuda. Não é simples estar exposto à miséria de quem anda ao nosso lado, cuidar das feridas dos outros, vencer a tentação de buscar refúgio e serenidade no isolamento. Mas o papa insiste: quando aceitamos participar dos dramas humanos, quando aceitamos sofrer a compaixão, então “a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo” (EG 270). Este é o amor que, diferente do *Eros*, João chamou de *Ágape*: amor de coração aberto, em que cabe sempre mais alguém. Assim, “o amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus” (EG 272).

De fato, o que define o Espírito Santo é o pronome “com”: segundo o dogma que está no *Credo*, ele é “com-adorado e com-glorificado” com o Pai e com o Filho. Agostinho lembra que ele é o “com-amado” ao lado do Amado do Pai, que é o Filho. Ele é o que conduz todos e tudo à “Comunhão” – com união, *koinonia* – do Pai com o Filho. Ele ao mesmo tempo abre para abraçar e enlaça tudo e todos no amor de comunhão. Ele é quem inspira e nutre, realiza e leva à plenitude a “Comunhão dos Santos”. É o *Paráclito*: o com-solador e com-fortador. Co-nosco na solidão e na fraqueza. É a nossa espiritualidade, Deus em nós, Deus na Comunhão dos Santos. É quem intercede por nós, e em nós dá a capacidade de também sermos intercessores uns pelos outros. Se o Pai é o que está acima bem além de nós, e se o Filho é o que está à nossa frente como nosso mestre e irmão, o Espírito está dentro de nós e faz de muitos “um só” no amor.

Sem o Espírito do ressuscitado não há missão. Mas também sem missão não saberíamos do ressuscitado e o Espírito estaria ausente. A evangelização é o lugar onde reconhecemos a presença de Jesus ressuscitado pela imensa potência do Espírito. A evangelização é, portanto, parte essencial da fé e da experiência cristã de Deus. Quando a criação inteira estiver na plena comunhão divina, então cessará a evangelização, restará só a plenitude da Comunhão, o puro entusiasmo sem angústias.

Questão:

Com a afirmação de que vale a pena ter o “prazer espiritual de ser povo” de Deus, conte em um parágrafo uma experiência pessoal em que sentiu este “prazer espiritual de ser povo” de Deus.

